

OS MAUS E OS BONS FANTASMAS: UMA HISTÓRIA DE REAUTORIA EM TERAPIA NARRATIVA COM CRIANÇA

LOS FANTASMAS MALOS Y BUENOS:
UNA HISTORIA DE REAUTORÍA EN LA TERAPIA NARRATIVA CON NIÑOS

THE BAD AND THE GOOD GHOSTS:
A HISTORY OF REAUTHORING IN NARRATIVE THERAPY WITH CHILDREN

ADRIANA BELLODI
COSTA CESAR¹

¹ Instituto Familiaee,
Ribeirão Preto, SP, Brasil

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão teórico-clínica sobre o atendimento de uma família com crianças durante a pandemia pela COVID-19. O estudo valoriza não só a experiência profissional do terapeuta como também a sua relação com a própria infância, enfatizando a descentralidade e a criatividade deste no processo de reautoria de vidas. A Terapia Narrativa, como opção discursiva, oferece recursos conversacionais muito úteis para o desenvolvimento do diálogo terapêutico gerador de mudanças. Assim, neste texto serão abordadas as conversas de externalização do problema e a produção de documentos terapêuticos no formato de crônicas terapêuticas (Campillo, 2011; Paljakka, 2008) para pontuar momentos marcantes de mudança entre os participantes, além de compartilhar momentos em que o uso da tecnologia on-line auxiliou a co-construção de relações terapêuticas generativas em tempos de isolamento social.

Palavras-chave: terapia narrativa, criança, externalização do problema, documentos terapêuticos.

ABSTRACT: This article aims to present a theoretical-clinical reflection on the care of a family with children during the COVID-19 pandemic. It values not only the professional experience of the therapist but also his relationship with his own childhood, emphasizing his decentrality and creativity of in the process of reauthoring lives. Narrative Therapy as a discursive option offers useful conversational resources for the development of therapeutic dialogue that generates changes. Thus, in this text, conversations involving the externalization of the problem and the production of therapeutic documents in the form of therapeutic chronicles (Campillo, 2011; Paljakka, 2008) will be addressed in order to point out remarkable moments of change among the participants, in addition to sharing moments in which the use of online technology helped the co-construction of generative therapeutic relationships in times of social isolation.

Keywords: narrative therapy, child, externalization of the problem, therapeutic documents.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo presentar una reflexión teórico-clínica sobre el cuidado de una familia con hijos durante la pandemia de COVID-19. Valora no solo la experiencia profesional del terapeuta sino también su relación con la propia infancia, enfatizando su descentralización y creatividad en el proceso de re-autoría de vidas. La Terapia Narrativa como opción discursiva ofrece recursos conversacionales muy útiles para el desarrollo de un diálogo terapéutico que genere cambios. Así, en este texto se abordarán conversaciones que involucran la externalización del problema y la producción de documentos terapéuticos en forma de crónicas terapéuticas (Campillo, 2011; Paljakka, 2008) con el fin de señalar momentos notables de cambio entre los participantes, además de compartir momentos en los que el uso de la tecnología online ayudó a la co-construcción de relaciones terapéuticas generativas en tiempos de aislamiento social.

Palabras clave: terapia narrativa, niño, exteriorización del problema, documentos terapéuticos.

Recebido em: 25/04/2023

Aceite em: 22/06/2023



“Há um menino, há um moleque morando sempre no meu coração toda vez que o adulto balança ele vem pra me dar a mão.”

Fernando Brant/ Milton Nascimento

A infância é um campo de conhecimento teórico-prático inesgotável que alimenta o meu contínuo tornar-se terapeuta de crianças, sejam elas sozinhas comigo na sala de terapia, sejam acompanhadas de suas famílias ou outros cuidadores. Trago comigo uma criança valiosa a conduzir-me pelos caminhos e encruzilhadas do trabalho terapêutico e que inspira minha imaginação e curiosidade por um mundo a ser descoberto. Favorecida por ter nascido em uma família em que outras crianças chegavam ano a ano, os irmãos mais velhos, como eu, eram ensinados a cuidar dos mais novos. Fui privilegiada, ainda, por vir de uma geração na qual as vizinhanças eram povoadas de crianças e o brincar em espaços livres era imperativo. Assim, em meus atendimentos, ecoando os compositores e músicos brasileiros citados na epígrafe deste trabalho, há uma criança morando sempre no meu coração.

Desse patrimônio cultural particular, adquiri posicionamentos que hoje considero alicerces para as minhas relações pessoais em geral, e fundamentais para a prática clínica, pois entendo que a relação terapêutica com crianças exige deixar-se levar pela convivência lúdica e criativa, e pela crença em uma relação colaborativa que transforma formas de vidas infelizes.

Este texto foi produzido por sentir-me convidada a compartilhar uma reflexão sobre a clínica cotidiana, entendendo-o como um diálogo escrito entre mim, autora, e outros autores ou leitores, como sugerem Rasera e Guanaes (2006). O estudo envolveu uma família composta pelos pais e duas crianças com oito e quatro anos, respectivamente. Os atendimentos foram feitos, em sua maioria, envolvendo a mãe e o filho mais velho, cujo principal impasse era o espírito indomável que surgia, sempre que contrariado por ela, quando um abundante fluxo de raiva, acusações e insatisfações surgia por parte dele e a paralisava. Os atendimentos iniciaram-se em meados do ano de 2020, sendo atravessados pelo advento da pandemia de COVID-19 e trouxe como desafio, a criação de recursos para a manutenção do processo terapêutico.

No diálogo com o leitor pretendo relatar fragmentos da prática, buscando dar visibilidade: 1) às conversas de externalização como recurso dialógico lúdico e promotor de mudanças preferíveis; 2) à produção de documentos terapêuticos no formato de crônicas terapêuticas (Campillo, 2011; Paljakka, 2008), um recurso útil para pontuar momentos marcantes no processo de reautoria dos participantes; 3) e ao compartilhamento de momentos em que o uso da tecnologia *on-line* auxiliou a co-construção de relações terapêuticas generativas, uma vez que o processo terapêutico deu-se durante a pandemia.

CONVERSANDO COM ALGUNS AMIGOS TEXTUAIS ANTES DE ENTRAR NA SALA DE TERAPIA

Michel White (2012), a despeito da expressiva capacidade de sistematização do conjunto de sua obra, privilegiava os desdobramentos de seu trabalho de forma que o espírito da terapia narrativa fosse expandido, sem se deixar amarrar por qualquer discurso preponderante desta ou daquela escola terapêutica. David Epston, ecoando essa pluralidade de sentidos na terapia narrativa, aponta, por um lado, a irreverência, a improvisação e a imaginação presentes no centro da vida cotidiana e, por outro, a indignação com a injustiça geradora do sofrimento humano (Epston, 2018). Assim, a terapia narrativa questiona ativamente a centralização individual dos problemas humanos e convida a pensar sobre sua inserção nos discursos sociais dominantes que configuram a vida das pessoas.

Como uma postura terapêutica, esse questionamento promove uma relação igualitária entre terapeuta e cliente e nega normatizações que submetam as pessoas a padrões de como deveriam ser, sentir e agir. Tal descentramento do terapeuta facilita uma construção conjunta das escolhas que os clientes desejam assumir sobre seus problemas e dificuldades, baseados nos valores e crenças que norteiam suas vidas. Assim, a mudança se constrói a partir de novos significados compartilhados em direção à dissolução do problema, como sugerem Anderson e Goolishian (1991).

A Terapia Narrativa discute a desconstrução do poder do terapeuta, a partir de uma visão foucaultiana que enfatiza o poder não como uma implementação institucional do topo para baixo, mas como aquele que se desenvolve e se refina no nível local da cultura (White & Epston, 1993). Em outras palavras, as pessoas são produtos e produtoras de relações, conceitos e dogmas que moldam discursos culturais dominantes e socialmente construídos. Dessa forma, no encontro terapêutico nos deparamos com narrativas normatizadas culturalmente e saturadas pelo problema, que objetificam pessoas e as descrevem como problemáticas, paralisadas e incompetentes na condução de suas dificuldades.

Para fazer face às histórias dominantes que produzem esta construção identitária de *déficit* e limitação, a externalização do problema — posteriormente renomeada de conversas de externalização — foi uma resposta ética e criativa originada por Michel White (White & Epston, 1993; White, 2012; Freeman *et al.*, 2001) ao poder das descrições uniformizantes sobre as pessoas, que fazem submergir toda a singularidade que cada indivíduo tem no enfrentamento de suas dificuldades. Tais conversas, como recurso dialógico, convidam os participantes a entenderem que o problema é o problema e não a pessoa; uma abordagem que estimula as pessoas a questionarem a opressão que os problemas adquirem sobre elas, assim como a tecer a reautoria de suas vidas. Diz o autor:

Considero a prática de externalização em certo sentido como um amigo leal. Ao longo de muitos anos, essa prática me ajudou a descobrir maneiras para seguir em frente com pessoas em situações consideradas desesperadoras. Nessas situações, as conversações de externalização abriram muitas possibilidades para que redefinissem sua identidade, vivenciassem sua vida de uma nova maneira e buscassem aquilo que valorizavam (White, 2012, p. 73).

Este espírito fascinante que repousa no que é único de cada pessoa e tão presente no convívio profissional com crianças, reflete o entusiasmo de um outro pequeno cliente: “falei para o meu pai: ‘deve ter alguma mágica aqui! Aquela choradeira que eu fazia pra tudo, sumiu!’”.

Com o propósito de *como se fosse mágica*, trarei a seguir o relato do atendimento familiar no qual este texto foi baseado. Os encontros foram em sua maioria com a participação da mãe (Aurora¹) e seu filho mais velho (Daniel), uma vez que as dificuldades descritas traziam muitos desentendimentos e o sentimento de desesperança na relação entre eles. Anderson e Goolishian (1991) sugerem que o problema organiza o sistema, e assim, Leo, o irmão mais novo foi incluído quando conflitos entre as crianças intensificaram-se com o isolamento social imposto pela pandemia; o pai pôde participar de algumas sessões apenas, quando conseguíamos o agendamento de horários no contraturno de seu trabalho. Nesses encontros, quando a família toda se reunia, o brincar livremente foi o recurso dialógico principal (Cesar, 2012).

UM PEDIDO DE AJUDA

Ainda nos primeiros dias das férias de janeiro de 2020, Aurora, a jovem mãe de Daniel (oito anos) e Leo (quatro anos) estava muito angustiada por não conseguir uma relação equilibrada com o filho mais velho, que se “jogava na televisão” e não se comprometia com suas obrigações, tanto com relação aos cuidados com a higiene pessoal quanto às obrigações escolares em tempos de aula. Nascido aos 7 meses de gestação, foi avaliado durante o período de alfabetização e recebeu diagnóstico de Transtorno de Distúrbio de Atenção (TDA), além de conviver com uma desconfortável disgrafia e imaturidade psicomotora, que obrigava a mãe a acompanhar tarefas escolares, corrigir erros de ortografia e *apagar a letra feia*. Sempre muito queixoso, Daniel ficava irritado quando a mãe o pressionava: gritava, chorava, acusando-a de ser uma mãe ruim. Isso a deixava *fora de si*, entendendo que fazia o melhor podia. Nesses momentos a raiva também a dominava, situações em que emergiam falas que jamais adotaria se pudesse pensar antes de dizê-las. Sentia-se, portanto, muito culpada e estava convencida de que realmente não era uma boa mãe.

Aurora preocupava-se também com o filho mais novo. Tal como o irmão mais velho, nasceu prematuro, porém as intercorrências perinatais e os efeitos do nascimento precoce foram mais invasivos no seu desenvolvimento. Os pais passaram a protegê-lo, pouco o encorajando a ter autonomia nas atividades da vida diária: “ele é o nosso bebê”; “exigiu muito cuidado”; “sempre foi fraquinho”; “ganha tudo no choro e eu acabo cedendo para não me irritar mais”, dizia Aurora. Uma espécie de círculo vicioso se estabeleceu, no qual as atitudes desafiadoras de Daniel e o choro insistente de Leo resultavam em uma explosão conjunta de irritabilidades. Dessa forma, ao ceder às demandas dos filhos, Aurora conseguia um momento de paz: “volto a fazer o que eles pedem para acabar logo com as reclamações”, sendo, logo em seguida, tomada pela culpa e pelo desconfortável sentimento de impotência frente aos impasses.

¹ Os nomes dos participantes foram modificados para que suas identidades sejam preservadas, e como autora obtive o consentimento da família para a publicação deste artigo.

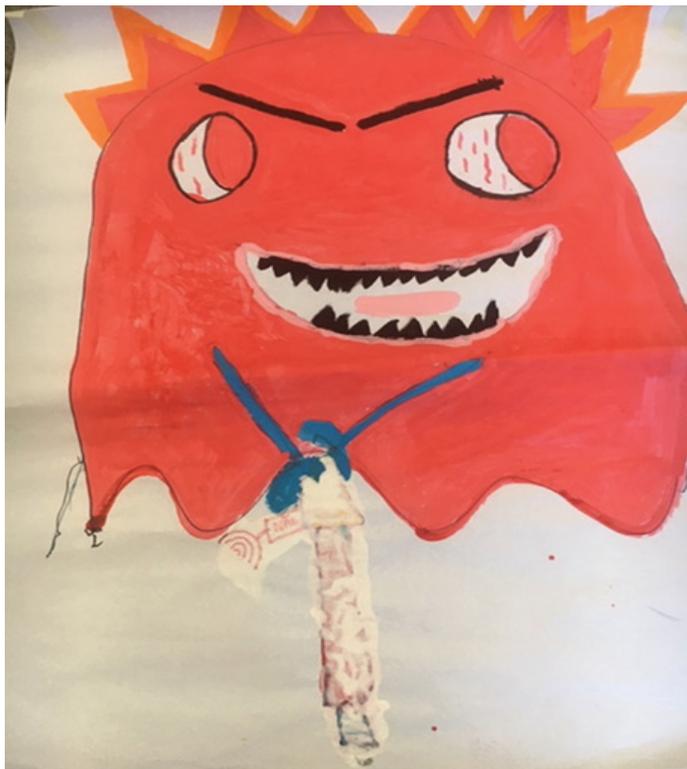
A família havia se mudado dois anos antes de nossa consulta para a cidade dos avós maternos, na esperança de receberem o suporte familiar para os cuidados e tratamentos dos filhos, deixando para trás escolas, relações, amizades, lazer e estabilidade profissional. A família defrontou-se com obstáculos profissionais e financeiros e a ajuda esperada dos familiares não se concretizou. O casal sofreu uma reorganização nas suas responsabilidades familiares, sendo que o pai das crianças expandiu suas atividades profissionais, enquanto Aurora via as dela serem reduzidas em função dos cuidados e da educação dos filhos. Iniciava-se assim um período duradouro de frustrações, sobrecarga e exaustão.

“OLÁ, POSSO ENTRAR?”: AMPLIANDO OS SIGNIFICADOS DO PROBLEMA.

Compareceram ao primeiro encontro, Aurora e Daniel, um garoto silencioso e observador aparentemente pouco interessado em participar da conversa que dizia respeito às suas falhas no dia a dia. Aurora discorria sobre todos os seus desapontamentos com o filho, tais como: assistir muita televisão; reclamar de tudo, embora ela estivesse sempre auxiliando-o; faltar-lhe autonomia para os deveres escolares; evitar atividades físicas; ser pouco cooperativo e desobediente às determinações dos pais. Sua maior dificuldade, porém, dizia respeito à inabilidade de controlar-se antes de explodir em ataques de raiva, quando contrariado. Desconfortável, Daniel absolutamente calado e tristonho, lentamente afastou-se e desapareceu da sala. Um outro ambiente lhe era mais interessante: a sala de brinquedos.

Convidei a mãe a acompanhá-lo e, buscando uma forma de incluí-lo no motivo que os trouxeram à consulta, disse que muitas crianças sofrem com toda a sorte de problemas, e que, como se não bastasse, esses problemas atrapalham também a vida de suas famílias. Curiosa para conhecer a *cara do problema*, perguntei se conseguiríamos tirar uma foto dele; problemas que assombram a vida das crianças são invisíveis e só poderemos conhecê-los desenhando-os. Continuando, disse que ainda não foi inventada uma máquina fotográfica que registrasse a existência desses seres que tanto perturbam as pessoas. A mãe parecia aberta e curiosa, Daniel aparentava estar incrédulo com o que acabara de ouvir. Aurora tomou a iniciativa e rapidamente os dois viram-se sentados no chão, às voltas com papel, pincéis, tinta e entusiasmo. Enquanto planejavam o que seria desenhado, uma conversa diferente tomou lugar; novos vocabulários brotaram de uma relação mãe—filho agora muito mais colaborativa: “é monstro ou fantasma? É bem grande, então precisa de um papel maior. Tem uma saia e muitos dentes na boca, o cabelo é espetado”; Daniel passou a vislumbrar a foto do problema: “mãe, o monstro vai ser vermelho, porque vermelho é a cor da raiva”. O menino, encorajado pela mudança de direção da conversa, ocupou-se em colori-lo com esmero e a mãe pacientemente o acompanhava na dança dos pincéis. É como fotografar com tintas e pinceladas e o problema ganha materialidade: “puxa! Ficou legal! Mãe, tem cara de mau!”

Figura 1 - Fantasma da Fúria



Satisfeitos com a produção, Daniel disse: “é um gigante da Fúria que atormenta muito, ataca a cabeça, fica batendo”. O recorte a seguir ilustra as conversas que foram tecidas em torno do problema externalizado (as siglas T, D e A, referem-se respectivamente à: terapeuta, Daniel e Aurora):

T: Acho que ele tem uma britadeira nas mãos e faz furos na sua cabeça, pra entrar! (Pinto uma ferramenta nas mãos do gigante). A gente poderia inventar alguma coisa pra te avisar quando ele está ligando a britadeira? (Pinto um radar que diz *Não*, quando percebe que o gigante está se aproximando).

D: Não... ele passa pela cabeça... É uma fantasma.

T: Ah! Estamos conhecendo ele melhor! Parecia um gigante, mas é um fantasma!

D: É, ele não faz furos; ele passa pela cabeça (tenta apagar o desenho da britadeira com tinta branca).

Entendo que esta atitude de Daniel diz respeito à autoria que ele vai aos poucos construindo sobre a sua relação com o problema. É como se dissesse: “hei! Esse problema é meu!”. Há uma mudança significativa na forma como está conectado com a exploração das dificuldades que o trouxeram à terapia.

A separação entre a identidade da pessoa e a do problema não a exime de enfrentar os prejuízos que este tem trazido para sua vida. Segundo White (2012), isso possibilita que a pessoa assuma essa responsabilidade e, dessa forma, é encorajada a estabelecer uma relação mais claramente definida, em que uma gama de possibilidades alternativas se torna possível. Seguindo com a apresentação da conversa.

T: E será que ele aproveita algumas “janelinhas” pra entrar na sua cabeça?

A: Acho que é quando ele fica com ciúmes do irmão e quando a gente contraria ele.

Uma forma alternativa de falar das dificuldades que permeiam as relações familiares está em construção, sem, contudo, apontar as falhas da criança, culpando-a. Conversações de externalização, ao objetificarem o problema, oferecem um antídoto aos entendimentos de transtornos e *déficits* como internos e essenciais daquele indivíduo.

CONSTRUINDO UMA IDENTIDADE PARA O PROBLEMA

O problema, agora nomeado *O Fantasma da Fúria*, gradativamente vai sendo descoberto através de uma investigação curiosa, em que eu aprendo, com a *expertise* dos clientes, sobre sua experiência. *O Fantasma da Fúria* tem mil anos e mora por um ano na casa de cada criança. A criatura chegou quando a família se mudou da cidade onde morava, deixando lá os avós paternos amorosos, há dois anos. O fantasma se alimenta da raiva das pessoas e seu prato principal é hambúrguer de raiva. Ele mora no inferno e lá habitam também outros fantasmas malvados.

Ao ouvir a descrição vibrante de Daniel, Aurora relatou que pais e filhos perderam os amigos, as crianças separaram-se dos colegas da escola, do espaço de brincar na antiga moradia e da casa de praia dos avós paternos. Ela disse: “Daniel sempre diz que foi culpa minha a gente ter mudado para cá. Não gosta daqui”.

D: É, a gente teve que vir pra cá porque ela ganhou um emprego aqui.

D: (percebe as lágrimas da mãe) Mãe, cê tá chorando?

T: Acho que vocês todos ficaram muito tristes por terem mudado de cidade. Nada aconteceu como vocês esperavam.

A: Ele fala que eu não sou uma boa mãe, me sinto muito culpada. Faço tudo pra eles, quase nem trabalhar eu consigo...

T: É... um dos truques desses fantasmas malvados é fazer as mães se sentirem culpadas. Eles atrapalham a vida da família toda.

D: Só do meu pai que não! Ele trabalha e chega em casa tarde e fica só no sofá assistindo, né mãe? (Aurora ri).

Procurando estabelecer a influência que o problema tem sobre a vida de Daniel e de sua família, destaco o recorte a seguir:

T: O que ele quer para a sua vida?

D: Que eu seja malvado? Ele quer que eu seja malvado!!! (seus olhos estão bem abertos, dirigidos para a mãe).

É importante notar aqui a mudança de expressão da criança que parece refletir sobre a influência que o problema tem sobre sua vida e subitamente descobre seu real propósito. E a conversa continua:

T: E o que ele quer para sua família?

D: Quer que a gente brigue, fique na TV sozinho, sem conversar com a mãe, sem brincar, sem jogar... Ele não atrapalha só a família, também vai na casa dos meus avós (maternos). O mais nervoso é o meu avô. Ele deixa o meu avô louco.

D: Mãe, o vovô também precisa vir aqui!”

Michel White (2012) diz que esse tipo de conversação, através de perguntas de influência, se compara a um jornalismo investigativo e seu primeiro objetivo é “desenvolver uma exposição da corrupção associada com abusos de poder e privilégios” (White, 2012, p. 38) ditados pelo problema. Assim como os jornalistas investigativos, os terapeutas não estão envolvidos com os domínios de resolução de problemas ou com o engajamento no conflito, mas “ao contrário, suas ações normalmente refletem um envolvimento relativamente ‘sereno’” (White, 2012, p. 38, destaque meu). Em contrapartida, os clientes igualmente assumem uma posição de repórter investigativo, refletem sobre a sua experiência e contribuem para a exposição do caráter do problema. Eles denunciam seus objetivos, propósitos e atividades.

Essa postura revela a importância do descentramento do terapeuta narrativo e prepara o caminho para que eles (os clientes) identifiquem e construam outros planos para suas vidas, aquilo que valorizam e contradizem as vozes ameaçadoras do problema. Em outras palavras, as conversas de externalização oferecem uma ilha de segurança compartilhada para que as pessoas se engajem na reautoria de suas vidas.

UMA CRÔNICA SOBRE O PROBLEMA EXTERNALIZADO, INSPIRADA NA IDEIA DE DOCUMENTOS POÉTICOS

Para White e Epston (1993), a palavra escrita é uma via ideal para as descobertas realizadas durante a terapia que, assim como os documentos, podem ser evocados, lidos e recriados. A tradição escrita, através do *fazer ver* põe em evidência os acontecimentos extraordinários, conferindo prestígio a uma narrativa alternativa que se quer iluminar (Cesar, 2008). Nesse sentido, segundo Campillo (2011), a escrita como recurso terapêutico abre muitos caminhos através dos quais a pessoa pode enxergar-se a si mesma através dos olhos do outro.

Durante os atendimentos clínicos, os poemas terapêuticos constroem, de forma especial, uma abertura para histórias inéditas, que jogam com a imaginação e trazem aos clientes a liberdade de experimentar suas próprias imagens, sensações e novos significados. Discorrendo sobre a utilidade dos poemas terapêuticos em seu trabalho, Sanni Paljakka (2008) escreve:

Devido à sua forma pouco convencional (a falta de exigências para chegar à brilhante plenitude de sentenças e ideias de texto em prosa) esses poemas abriram um caminho singular para que eu brinque com as ideias. Escrever na forma poética me permite contrapor as histórias dos problemas, horríveis e aterrorizantes, com a confecção de ideias de uma contra história possível sem necessidade de seguir a sequência ordenada das experiências da vida ou o fluxo da conversa terapêutica (Paljakka, 2008, p. 65)².

² Tradução de Adriana Muller

Assim, como abertura da sessão seguinte à revelação do *Fantasma da Fúria*, pedi para que Daniel e sua mãe sentassem-se confortavelmente e ouvissem um texto que eu gostaria de lhes apresentar³:

Era um problema e era um gigante
 Um gigante que de tão gigante, atormentava todo mundo
 Atormentava mais ainda o menino
 O menino era uma criança
 E ele fazia o pior para a criança
 Só para a criança, ele tinha uma britadeira
 Fazia buraquinhos
 Na cabeça do menino
 Que era uma criança e o menino criança era
 Esperto
 Pensativo
 Observador
 E o menino criança tinha uma mãe artista
 O menino criança tinha uma mãe artista!!!
 O menino esperto e a mãe artista tiraram uma foto do gigante
 Clic, Clic, Clic
 Vermelho ele era
 Com cabelo engraçado e lá estava a britadeira
 De fazer buraquinhos na cabeça
 E deixar todo mundo nervoso, briguento e depois...
 Triste
 E descobriram que o gigante era todo Fúria
 Ahá!!!
 Agora a gente já te conhece!!!
 E o menino esperto e a mãe artista não perceberam...
 O Gigante da Fúria, esse era o seu nome, era muito inteligente
 Num passo de pincel, zás!!!
 Mudou para Fantasma da Fúria
 Que danado!!!
 Fantasmas não precisam de buraquinhos para entrar na cabeça e na família de
 meninos espertos e mães legais
 Fantasmas atravessam paredes

3 Embora as autoras assinalem que os documentos poéticos devam ser escritos exclusivamente com as palavras expressadas pelo cliente, tomei esta ferramenta terapêutica como inspiração, acrescentando uma forma pessoal de narrar, ao que preferi nomear de crônicas terapêuticas.

O menino esperto descobriu o truque. Descobriu que o fantasma passa pela sua cabeça

E vejam só! Ele sabe muitos truques para fazer malvadezas.

Ele tem 1.000 anos.

Declamei a crônica dramatizando-a, de tal forma que a ênfase recaísse nos recursos e acontecimentos extraordinários subjugados pelo problema (o menino era uma criança; era esperto, pensativo e observador; o menino, criança, tinha uma mãe artista; o menino esperto e a mãe artista tiraram uma foto do gigante), bem como sobre os propósitos perversos alimentados pelo problema (o gigante que afeta especialmente o menino, que é uma criança; suas maldades são preferencialmente dirigidas a ele; um gigante muito inteligente, que num passe de mágica, transforma-se em fantasma para atravessar cabeças).

Como conversa externalizante, a escuta de suas vivências vindas de outra pessoa e escritas de uma forma poética, promoveu um sentido de legitimação e centrou a autoria na pessoa. Ao ouvirem a leitura, Daniel disse que gostou e achou engraçado: “ele nem parece tão ruim!”; mas ainda preferiu manter a sua versão do problema, como fantasma que entra na sua cabeça sem fazer buraquinhos: “ô tia, ele não tem uma britadeira”. Aurora ficou tocada pela compreensão de que o filho é “só uma criança” e que, devido a tantas turbulências na família, sua impaciência pode estar prejudicando-o, além de esperar que saiba renunciar ao seu espaço na família em benefício do irmão caçula. Foi surpreendente a ela ser percebida como artista, o que fez com que relatasse outras habilidades artesanais, herdadas de sua mãe. Daniel elogiou as habilidades da avó materna, caprichosa e criativa, e descobriu que sua mãe se assemelhava a ela. O problema externalizado, re-narrado, permitiu a emergência de uma narrativa não subjugada pela história de conflitos, no período entre os encontros. Aurora disse:

A: O gigante não está aparecendo muito por lá... só está aparecendo com força quando é com o irmão. Eles brigam, o Leo atrapalha, o Daniel perde a paciência (as palavras gigante e fantasma vão se alternar durante o decorrer da terapia, como significados de uma entidade/problema separada da criança)

T: Acho que são os truques do Gigante da Fúria para continuar se aproveitando das brigas na sua família.

A: Ele (Daniel) está melhor que eu, mais calmo que eu, obedece quando eu falo.”

A despeito da influência do problema ter dado uma trégua na família, neste encontro foram abordados muitos momentos conflitivos entre irmãos e entre mãe e filhos. Daniel sugeriu pintar o Gigante/ Fantasma novamente. Muito entusiasmado, anunciou:

D: Agora eu que vou fazer! Vai ter duas cores. Meio com raiva e meio calmo.

A nova *fotografia* do problema (Figura 2) em metamorfose foi feita a quatro mãos, sendo que o menino tentou reproduzir, com os próprios traços, a primeira forma quase toda criada por Aurora (Figura 1). A mãe foi solicitada para os detalhes mais finos dentro de um diálogo amoroso e respeitoso, principalmente vindo da criança. Todos pareciam orgulhosos, ao final.

Figura 2 - Fantasma da Fúria em transformação

As letras C e A foram adicionadas para sinalizar as iniciais de *Calm* e *Angry*, vocabulários da língua inglesa aprendidos pelo menino na escola. Descrições e fatos antes mitigados pelo problema povoam as conversas, possibilitando que a criança seja percebida através de seus recursos (aprende outra língua, gosta de pintar, colabora com a mãe). Imersa em uma relação dialógica e horizontal, instigada pelas conversas alimentadas pela pintura, contornei as mãos de Daniel num papel em branco, com as letras F (fúria) e C (calma) para serem levadas para casa. Lá, elas poderiam ajudá-los a lembrar-se que, quando consegue ficar calmo, o Gigante enfraquece.

Figura 3 - Desenhos das Mãos de Daniel como sinalizadoras das emoções na casa



A sessão seguinte concentrou-se nos esforços de distinguir as influências do Gigante/Fantasma na vida da família, e dessa, na vida do Gigante. Os ataques de fúria eram menos intensos; frustrações eram expressas com lamentos. Aurora disse:

A: Daniel tá mais amoroso, mais compreensivo, me ajudando a ficar calma mais rápido. Era muito só de reclamar, agora tá assim, mais sorridente. Algumas vezes está sendo mais paciente com o irmão.

D: Eu não me irritei com o Leo chorando. Eu falo: ‘Caaaalma Leo’.

A: Pusemos as Mãos na sala. Num lugar que todo mundo vê.

T: Se tem mais calma na casa, como fica a família?

A: Comprei tintas, eles estão pintando.

T: É uma família de artistas!

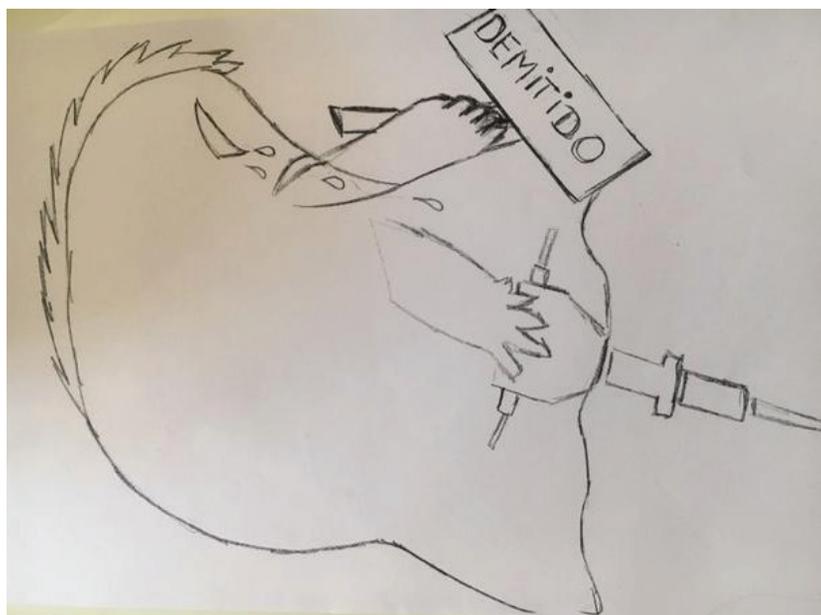
Naquele momento, resgataram as contribuições da avó materna, habilidosa em artes manuais. Daniel falou com orgulho da avó que desenha plantas de casa para os engenheiros. Penso que Aurora tem a oportunidade de ressignificar sua relação com os pais, com os quais sente-se magoada por não receber o apoio esperado: “meus pais são muito ativos, têm vida própria”.

Daniel estava atento e elogiou a bondade da avó, mas afirmou que o avó é muito nervoso: “o fantasma deve estar morando lá, agora”, e continua: “ô tia, acho que da próxima vez o Gigante da Fúria vai ser todo azul!”.

A partir destas conversas, um outro documento poético lhes foi apresentado no encontro seguinte:

Era um gigante
Gigante?
Agora, não mais
Nem gigante era. Encolhera
E no seu encolhimento, OH! Também estaria mudando de cor?
E o gigante pedia ajuda
Socorro! Alguém me ajude! Estou diminuindo e nem vermelho sou!
Socorro!
E ninguém o escuta
A mãe artista e o menino esperto, continuam sua tarefa de transformá-lo
Agora o pequeno gigante é vermelho e azul
Meio mau, meio bom. Meio raiva, meio calma
A mãe-esperta e o menino-artista continuam o seu trabalho de pintar o novo
pequeno gigante vermelho e azul
O Gigante da Ira vai saindo de fininho
Já não cabe mais naquela sala. Não cabe mais naquelas vidas
Na porta, já se despedindo, olha para trás e leva consigo uma imagem que o
incomoda. Vê o menino-artista andando calmamente pela sala, conversando
com sua mãe-esperta, decidindo juntos as últimas pinceladas.
A fotografia mudou. E o Gigante da Ira, triste, decide partir em busca de outro
lugar para viver.

Figura 4 - O Fantasma da Fúria demitido, feito a meu pedido, por uma artista plástica



Ao serem apresentados à nova fotografia, desta vez “tirada” por mim, a mãe ri do fantasma e sua placa *Demitido*. Daniel diz: “coitado”, e “mãe, a gente tá demitindo ele lá de casa também!”.

Com uma sensibilidade construcionista social, a terapia narrativa assume que o *self* é relacional; dentro da plasticidade das relações, construímos identidades recíprocas, moldadas pelas descrições linguísticas contextualmente situadas. Assim, o interesse e iniciativa de Daniel, em um ambiente seguro e inclusivo, o transformam em um menino-artista, acompanhado agora por uma mãe-esperta que, menos aturdida pelos seus sentimentos de incompetência e culpa, torna-se alguém que sabe fazer (acolher, incentivar, acreditar, ter esperanças). Portanto, o *Gigante* que abandona aquela relação é o da incompreensão, da impotência e da dor.

O menino-artista-autoconfiante se prepara para pintar outro fantasma: “eu faço. Vai ser todo azul. Azul é cor de calma, né mãe?”

Figura 5 - Fantasma da Calma



Por estarmos, naquele momento, às portas do isolamento social devido à COVID-19, suspendemos os encontros presenciais e buscamos construir uma comunicação via aplicativo *WhatsApp*, por mensagens e áudios, uma vez que as sessões por vídeo-câmera mostraram-se improdutivas para a participação das crianças. Os contatos destinaram-se, com mais frequência, ao amparo das inquietações de Aurora quanto ao crescente desinteresse de Daniel pelas aulas *on-line*. Ainda assim, mãe e filho concordavam que o *Fantasma da Fúria* continuava desaparecido. Nesse período de confinamento, a interação entre as duas

crianças deteriorou-se, deslizando facilmente para o conflito. Sugeri que o irmão, Leo, fosse convidado a participar de um encontro presencial e todos nos comprometemos com essa reunião, respeitando os padrões sanitários de prevenção à doença.

O recorte abaixo ilustra um momento marcante desse encontro, no qual ocorreram muitas disputas, com Daniel pedindo a interferência da mãe para acalmar e segurar o irmão que “só atrapalha” e não o deixava brincar. Aurora tentou algum controle, mas Leo gritava e chorava; Daniel reclamava e se irritava.

T: Ih! Este é mais um truque desses fantasmas maldosos da Fúria. Foi embora e deixou seu primo no lugar.

D: Quem?

T: O Fantasma do Choro. Não deixa ninguém brincar. É da família do Fantasma da Fúria.

D: Já sei! Vou pintar ele em casa! E vai ser laranja! Descobrimos mais um truque do Fantasma da Fúria.

T: Esses fantasmas são muito espertos. Eles não vão embora assim tão fácil. Às vezes deixam alguém no seu lugar.

Uma nova conversa se instalou no lugar da conturbação criada até então pelas crianças. Leo perguntou ao irmão se poderia ajudá-lo na pintura do novo fantasma em casa. Uma condição foi colocada por Daniel: “pode. Mas só se não chorar!”

Figura 6 - Daniel e Leo tirando uma foto da cara do Fantasma do Choro

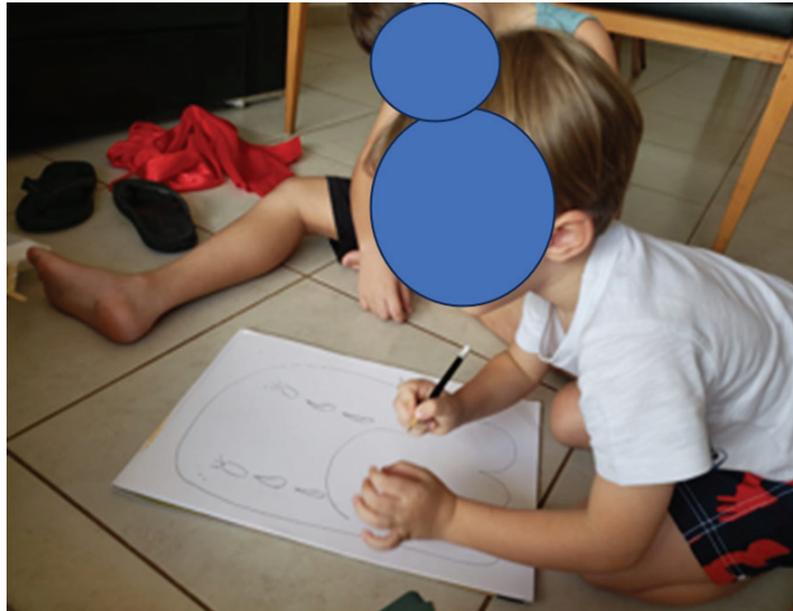
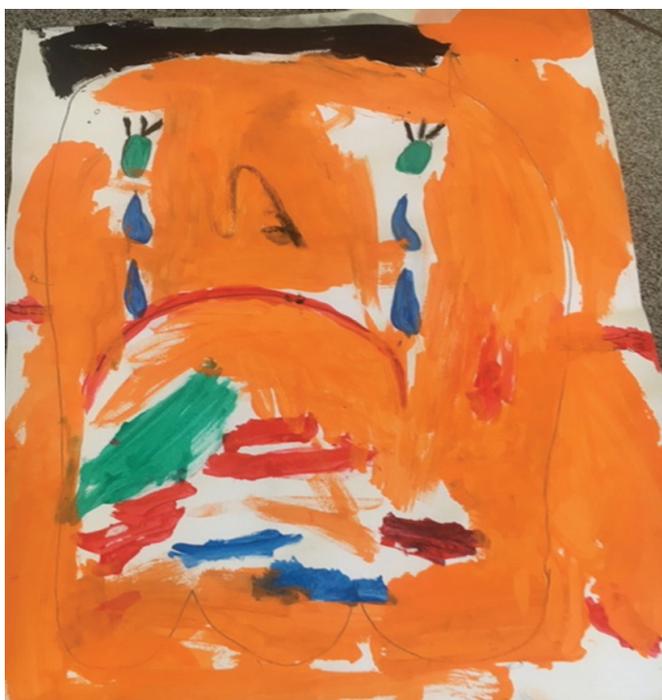


Figura 7 - Fotografando o fantasma do choro



Estas duas fotografias foram enviadas por Aurora, registrando o momento de colaboração entre as crianças, quando estavam “tirando uma foto da cara do Fantasma do Choro”. Ela usou o aplicativo *WhatsApp* e enviou também o áudio da sua conversa externalizadora com o filho caçula, sobre o *Fantasma do Choro*. Na conversa estabelecida com a participação da família, incluindo o pai, Leo diz que ele é muito bravo, grita como um urso e come meleca. O menino explica que o fantasma fica calmo quando ele está chorando e fica bravo quando pára, porque ele gosta de barulho. E quando a mãe falou que precisavam mandá-lo embora, Leo diz: “mas mãe, ele não anda, agora tá preso no papel!”.

Figura 8 - Fantasma do Choro



Estabelecemos então uma forma de animar as conversações sobre os problemas, com a participação de Leo, através de áudios via aplicativo, através dos quais eu fazia algumas sugestões sobre como lidar com o novo fantasma que havia recém-chegado. O menino-artista Daniel, agora mais colaborativo e implicado em ações que pudessem contribuir com os pais e com o irmão, sugere que este fantasma precisa se acalmar.

Figura 9 - Fantasma do Choro em transformação



Esta outra “fotografia” da transformação do *Fantasma do Choro* foi enviada por Aurora e Daniel. Os áudios da criança esclarecem que a parte verde é a calma que vai fazendo o fantasma parar de perturbar. Pergunto se ele (Daniel) tem tido alguma participação nessa difícil tarefa. Pelo áudio ouço: “eu tô ajudando a minha mãe a ficar calma, tia”.

Após muitas semanas de distanciamento, um segundo encontro presencial foi estabelecido, de forma que permitisse a participação do pai. As crianças estavam animadas e, a meu ver, saudosas dos encontros. Rapidamente transformaram a sala de terapia em uma brinquedoteca. A sala ficou povoada de diversos brinquedos e Daniel anunciou: “o meu pai é bom em *Legó*. Quando ele tem tempo, a gente brinca lá em casa”.

Em outro texto (Cesar, 2012), discuto o brincar livremente em terapia familiar com crianças, como uma oportunidade privilegiada em que elas se solidarizam e acolhem os pais, adentrando um mundo colaborativo, dissipando-se as fronteiras intergeracionais e amenizando as sombras dos problemas que os trouxeram à terapia. Um dos fatores significativos que contribuíram para as tensões familiares foi

o enfraquecimento do convívio entre o pai e as crianças pelo aumento de seu trabalho. Pela mão hospitaleira de Daniel, o pai encontrou um ambiente suficientemente seguro e descontraído para oferecer aos filhos sua presença incondicional.

Ao final da sessão, o menino-artista propõe um outro fantasma a ser externalizado:

D: Já sei quem vai ser o próximo fantasma quando a gente voltar!

T: A família de fantasma está aumentando!

D: Vai ser o Fantasma da Brincadeira.

Figura 10 - Fantasma da Brincadeira com bola na mão



Este novo personagem surgiu no encontro presencial seguinte⁴ como um documento pictórico relativo ao contexto lúdico em que a presença do pai foi muito apreciada por todos. Entendemos que o *Fantasma da Brincadeira* é como um guardião da família, que ajuda a manter a calma, por isso é azul. Ele gosta de jogar bola na praça e faz todo mundo sair da frente da televisão.

Dessa forma, assim como os fantasmas de Daniel vão metamorfoseando-se de inimigos para amigos, a criança está construindo, através de sua arte-criativa-reflexiva, uma comunicação que transforma seus questionamentos ferozes em pedidos? E as conversas de externalização não são elas próprias uma forma de compreender brincando, que gera experiência, produz mudanças e acessa *selves* preferíveis para todos os envolvidos nas conversações? E, ainda, das conversas de externalização do problema, podemos nos mover para conversas que externalizam soluções

⁴ Encontros presenciais com a participação de Daniel passaram a acontecer com periodicidade mensal. Os contatos virtuais foram mantidos de acordo com as necessidades de Aurora, porém não se mostraram suficientes para que ela pudesse tranquilizar-se.

e esperança: o fantasma que acalma pessoas e o outro que convida às relações afetivas através da brincadeira.

Em um dos contatos via celular que mantive com Aurora, mandei uma foto do *Fantasma da Brincadeira* e escrevi:

vejam quem está aqui me dizendo: Adriana, será que o Daniel me aceita na casa dele? Ele adora se distrair com os filmes da televisão, mas eu queria bater uma bolinha com ele!! Estou precisando brincar com alguma criança hoje.

Poucos minutos depois recebi uma mensagem do menino : “aceito”. E também uma mensagem de áudio: “oi Tia, (...) meu pai e minha mãe me ensinaram a jogar tênis”. Continuando a conversa, respondi: “ah! O nosso *Fantasma da Brincadeira* já deve estar aí, se divertindo e batendo palmas para vocês!”

Outros fantasmas têm surgido, como um certo *Fantasma da Reclamação*. As visitas do *Fantasma da Fúria* cessaram, mas aquele, um “primo” deste último, confunde Daniel e o leva a choramingar e a dificultar as situações em que teria de atender mais prontamente suas obrigações escolares durante a pandemia. Esse fantasma não só aprisiona as crianças, mas também consegue dominar os pais; ele não é propriamente mau, mas é muito cansativo para as pessoas. No encontro em que participaram Aurora e Daniel, refletimos que um fantasma desse tipo se alimenta de quarentenas intermináveis. As pessoas estão sem diversão, sem amigos e fechadas em casa, o ambiente preferido dos *Fantasmas da Reclamação*; eles alimentam-se de infelicidade e tédio e enganam as crianças, fazendo-as se sentirem injustiçadas e sobrecarregadas. Divertem-se quando as mães ficam muito impacientes. Que injustiça!

Para Michel White (2012), no processo de reautoria:

As pessoas ficam curiosas e fascinadas, em relação a aspectos anteriormente negligenciados de sua vida e relacionamentos, e à medida que prosseguem as conversações, essas narrativas alternativas ficam mais adensadas, mais significativamente enraizadas na história e propiciam às pessoas uma base para novas iniciativas ao lidar com os problemas, dificuldades e dilemas de sua vida (White, 2012, p. 76).

Assim, as histórias de reautoria continuaram sendo criadas, apesar das rotinas desafiadoras vividas nos lares com crianças pequenas durante a pandemia de COVID-19. Aurora dedicou-se a esperar e acolher e Daniel manteve viva a presença de seus fantasmas atribuindo-lhes parentescos. Seu membro mais temido partiu, deixando em seu lugar outros menos invasivos, amigos e até generosos. Uma de suas falas apontava tanto para a mudança discursiva sobre o problema e sobre as relações quanto para a construção de soluções compartilhadas: “ô tia, eu acho que na família dos fantasmas, o Fantasma da Fúria e o do Choro são irmãos, como eu e meu irmão, os outros são primos e têm fantasmas bons e os ruins”.

Encontros presenciais, ainda que esporádicos, continuaram sendo oportunidades para conversas livres e lúdicas, com o propósito do (re)encontro afetivo para trocas de acontecimentos e ancoragem das mudanças. Uma observação de Aurora trazia um novo posicionamento: “lá em casa está como aqui. A gente se desentende bastante, mas logo nos acalmamos. O *Fantasma da Ira* foi embora e resolver as reclamações está mais fácil”. De fato, o problema às voltas com uma família

que havia aprendido a contornar desentendimentos com calma e melhores conversas, perdia ali o seu espaço. Em meio a tantas complexidades, ao deixarmos-nos tocar pelo inesperado e com abertura para o acaso, adquirimos olhos para ver e encanto para enxergar.

PALAVRAS FINAIS

Segundo Grandesso (2000), a principal diferença do uso de questões em terapia narrativa é que elas são feitas para gerar experiência ao invés de obter informação. A autora cita Freedman & Combs (1996) ao dizerem que “quando geram experiência sobre realidades preferidas, as questões podem ser terapêuticas em si mesmas” (Freedman & Combs, 1996 citado por Grandesso, 2000, p. 113). Assim, a partir da abertura curiosa para conhecer cada fantasma, deixamos-nos conduzir, adultos e crianças, tanto nas sessões presenciais quanto nos contatos virtuais, pela criatividade e confiança mútuas.

O leitor pode perguntar-se a respeito da menor participação de Leo, o filho caçula, e da quase ausência do pai nas sessões familiares. Como não há um planejamento prévio sobre como se dará o processo terapêutico, mas o trajeto se constrói ao caminhar, trabalhamos levando em conta as necessidades mais urgentes apontadas por Aurora e apoiadas por Daniel, especialistas das próprias vidas, dos desejos e das esperanças (Anderson & Goolishian, 2007). As mudanças de Daniel contribuíram para minimizar os *estresses* domésticos com o irmão, uma conquista almejada por Aurora. Realizamos também algumas sessões com o casal, para que pudessem dialogar sobre as adversidades e os obstáculos enfrentados por cada um, para assim, poderem apoiar-se mutuamente como o sistema protetor que desejavam ser.

E, finalmente, passado algum tempo, conheci um novo fantasma amarelo cuja especialidade era viver reclamando por aí: “tudo eu, por que sempre eu?”. Este novo personagem já veio fotografado por Daniel, que ainda estava insatisfeito com o resultado final: “ô, tia, ele ainda não está acabado, mas não é dos maus”. Pensando na natureza dialógica do brincar como ferramenta conversacional com crianças, Bakhtin (1996) aponta para a possibilidade de criar algo absolutamente novo, a partir do que é dado. O que é dado é totalmente transformado naquilo que é criado e essa transformação pode ser formidável.

REFERÊNCIAS

- Anderson, H., & Goolishian, H. (1991). Los Sistemas Humanos como Sistemas Lingüísticos: implicações para La Teoria Clínica y La Terapia Familiar. *Revista de Psicoterapia*. II, 41-71.
- Anderson, H., & Goolishian, H. (2007). O cliente é o especialista: uma abordagem para terapia a partir de uma posição de não saber. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27, 66-81.
- Bakhtin, M. M. (1996). *Speech genres and other essays*. Tradução de MCGEE, W.V. Austin, Tx: University of Texas.
- Campillo, M. (2011). Aprendiendo terapia narrativa através de escribir poemas terapêuticos. *Artículos publicados*. Vol. 7. No. 1 y 2.

- Cesar, A.B.C.** (2008). A externalização do problema e a mudança de narrativas em terapia familiar com crianças. *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*, 31, 85-98.
- Cesar, A.B.C.** (2012). Que linguagem é essa? O brincar em terapia familiar com crianças. In H. M., Cruz (Org.). *Me aprende? Construindo lugares seguros para crianças e seus cuidadores*. (pp. 71-89). São Paulo: Roca.
- Epston, D.** (2018). *Reimaginando a Terapia Narrativa. Uma ecologia da magia e do mistério para o espírito indomável na era das marcas registradas*. San Diego, Califórnia. (Comunicação Oral)
- Freeman, J., Epston, D., Lobovits, D.** (2001). *Terapia narrativa para niños*. Barcelona: Paidós.
- Grandesso, M.** (2000). Quem é a dona da história? Legitimando a participação das crianças em terapia familiar. In: H. M. Cruz (Org). *Papai, Mamãe, você... e eu?* São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Guanaes, C., & Rasera, E. F.** (2006). Therapy as social construction: an interview with Sheila McNamee. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 40(1), 127-136.
- Paljakka, S.** (2018). A house of good words: A prologue to the practice of writing poems as therapeutic documents. *Journal of Narrative Family Therapy*, Special Release, 49-71.
- White, M., & Epston, D.** (1993). *Medios Narrativos para fines terapêuticos*. Barcelona: Paidós
- White M.** (2012). *Mapas da prática narrativa*. Tradução de Adriano Migliavaca. Porto Alegre: Pacartes

ADRIANA BELLODI COSTA CESAR

Sócia efetiva do Instituto Familiaie e docente do Instituto Familiaie – unidade de Ribeirão Preto. Psicóloga clínica, terapeuta individual, de casal e família; sócia efetiva do Instituto Familiaie e docente do Instituto Familiaie – unidade de Ribeirão Preto.

E-mail: adrianabellodi@unimedjabolicabal.coop.br

<https://orcid.org/0009-0002-9536-4538>